



AUDIODESCREVER É FAZER (RE) EXISTIR: DESCONSTRUINDO AS BARREIRAS COMUNICACIONAIS NOS ESPAÇOS SOCIOEDUCACIONAIS

NEVES, Felipe¹
ARAÚJO, Ienmily²
OLIVEIRA, Fabiana Pincho de³

Grupo de Trabalho (GT): Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência.

RESUMO

Aplicada em diversos produtos culturais e educacionais, a audiodescrição (AD) se configura como uma tecnologia assistiva que consiste na tradução de eventos visuais em palavras vívidas. Ela se apresenta como um potente recurso que empodera, estimula a participação ativa das pessoas com deficiência visual e contribui para a mitigação das barreiras nos espaços socioeducacionais (Motta, 2016). Partindo desse pressuposto, neste trabalho, pretendemos apresentar algumas diretrizes fundamentais do gênero tradutório visual e analisar uma imagem estática para demonstrar a aplicação da audiodescrição. Para isso, foi selecionada uma charge do perfil “@desenhosdonando” na rede social *Instagram* e realizada a análise de uma audiodescrição gerada pela Inteligência Artificial Zapia Brasil. Os resultados demonstraram que, para alcançar uma audiodescrição empoderativa, faz-se necessária a elaboração cuidadosa do texto audiodescritivo, a partir da seleção de escolhas tradutórias que potencializam o entendimento dos usuários da AD.

Palavras-chave: Audiodescrição empoderativa. Barreiras socioeducacionais. Acessibilidade comunicacional.

INTRODUÇÃO

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), o Estado, a família e a sociedade têm o dever de assegurar, garantir e promover o exercício de direitos das Pessoas com Deficiências Visual (PCDV), incluindo-as de modo equitativo nos espaços inacessíveis, nos âmbitos sociais, culturais e educacionais.

Para reduzir as barreiras que limitam ou impedem a participação social da PCDV, é preciso fazer uso de tecnologias assistivas eficazes, por isso apresentamos a audiodescrição como uma tecnologia assistiva multifuncional e essencial para incluir e acolher os estudantes cegos ou com baixa visão nos ambientes e nas atividades educacionais.

A audiodescrição (AD) é um gênero tradutório visual (Lima, 2011) que consiste na tradução de eventos visuais em palavras vívidas, que podem ser escritas, oralizadas e sinalizadas, considerando as especificidades das pessoas surdocegas. O objetivo dessa tradução é o empoderamento da PCDV na compreensão e apreciação do evento visual

¹ Faculdade de Letras (FALE/UFAL). felipenevesa11y@gmail.com.

² Faculdade de Letras (FALE/UFAL). ienmily.araujo@fale.ufal.br.

³ Faculdade de Letras (FALE/UFAL). fabiana.oliveira@fale.ufal.br.





audiodescrito (Seemann, Lima e Lima, 2012). A AD também é um recurso de acessibilidade comunicacional que abrange o conhecimento das Pessoas com e sem Deficiência visual em quaisquer eventos, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar (Motta, 2016).

OBJETIVOS

De acordo com Motta (2016), a audiodescrição é uma tecnologia assistiva que pode ser aplicada em eventos sociais, acadêmicos, científicos e religiosos; também pode ser utilizada em museus, espetáculos, shows, programas de TV, produtos audiovisuais, virtuais, físicos e em qualquer conteúdo perceptível aos olhos. Tudo isso demonstra o quanto a AD é polivalente e necessária para garantir a participação socioeducacional dos alunos com deficiência visual nos ambientes físicos e virtuais.

Portanto, apresentamos como objetivo geral refletir sobre a aplicabilidade da audiodescrição. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos 1) apresentar algumas diretrizes fundamentais do gênero tradutório visual e 2) analisar uma imagem estática para demonstrar a aplicação da audiodescrição a partir de um texto gerado pela Inteligência Artificial Zapia Brasil, uma assistente de Inteligência Artificial bastante conhecida na América Latina, especialmente por atuar no WhatsApp, oferecendo diversas funcionalidades.

Desse modo, forneceremos aos professores e demais profissionais interessados na inclusão uma base teórica e prática de como eles podem acessibilizar os conteúdos visuais, desconstruindo, assim, as barreiras comunicacionais nos espaços socioeducacionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos variados contextos de interação em sociedade, inúmeras imagens são utilizadas, criadas e recriadas diariamente para comunicar algo. No entanto, pouquíssimas são acessíveis às pessoas cegas ou com baixa visão. Essa barreira comunicacional compromete o direito à informação, o letramento midiático e a formação leitora dessas pessoas, que estão dentro e fora do ambiente escolar, criando lacunas no conhecimento e limitando a apreciação dos textos e sua plena compreensão.





Uma das possibilidades de desconstruir esse problema é se valer da audiodescrição enquanto tecnologia assistiva, isto é, usá-la como metodologia, recurso didático e serviço de acessibilidade para promover a autonomia e a independência do educando com deficiência visual. Para Mianes (2016), a audiodescrição é uma potente ferramenta pedagógica que os professores podem utilizar para incluir, acolher e potencializar o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Em consonância com o referido autor, Motta (2016) explica que a audiodescrição abre e amplia as possibilidades de leitura de mundo dos estudantes quando a aplicamos nos ambientes, nas aulas e nos materiais escolares.

Diante de tudo isso, é necessário postular que a audiodescrição não pode ser elaborada de maneira qualquer, pois, segundo Vieira e Lima (2010, p.4): “Todo trabalho de tradução exige disciplina mental, paciência, raciocínio e sensibilidade para se compreender como o outro comprehende.”. Por isso que a elaboração de uma audiodescrição

[...] é ditada pela consideração da obra e do usuário a que ela se destina, sendo que é esse conjunto que exige do tradutor o que traduzir, como traduzir, quando e quanto traduzir. [...] Assim, lhe são exigidos a pesquisa, a leitura e o desenvolvimento de espírito crítico, para que possa executar, de maneira eficaz e com responsabilidade, as edições e as escolhas tradutórias. (Lima, 2011, p. 9).

Por tudo isso, apresentamos, em conformidade com o manual de treinamento abrangente de Joel Snyder (2017), algumas diretrizes elementares para realizar a audiodescrição que empodera a pessoa cega.

- Descreva o que você vê.
- Comece do geral para o específico, de cima para baixo e da esquerda para a direita.
- Menos é mais: descreva o que é mais essencial e menos óbvio no tempo permitido. A descrição em excesso pode ser exaustiva ou irritante.
- Use uma linguagem adequada à obra e ao público.
- Seja claro, conciso e eloquente.
- Descreva na voz ativa e no presente do indicativo.
- Use advérbios/adjetivos que não ofereçam juízo de valor.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS





Esta pesquisa, de natureza exploratória, utiliza uma abordagem qualitativa, priorizando a interpretação e a subjetividade em detrimento da quantificação (Lüdke e André, 1986). Os procedimentos metodológicos envolveram as seguintes etapas: 1) seleção de uma charge publicada no perfil do *Instagram* “@desenhosdonando”, criada e divulgada pelo cartunista Nando Motta; 2) utilização da Zapia, uma inteligência artificial acessada via WhatsApp e 3) elaboração do *prompt* “faça uma audiodescrição dessa imagem”. A partir da audiodescrição gerada pela IA, analisamos de forma cuidadosa a aplicação ou a ausência de algumas diretrizes.

RESULTADOS

Por circular não só nas redes sociais, mas também nos materiais didáticos utilizados pelos professores, a charge contribui para o letramento crítico e para o debate de conteúdos atuais. Por isso, a seguinte charge foi selecionada para o desenvolvimento deste trabalho:

Figura 1: Charge selecionada



Fonte: @desenhosdonando

Após a escolha da charge e a solicitação do *prompt* “Faça uma audiodescrição dessa imagem” à Zapia, obtivemos como resultado o seguinte texto:

“A charge é uma tirinha de três painéis que faz uma crítica satírica à censura na internet sob o pretexto de proteger as crianças. O estilo visual é cartunesco, com personagens estilizados e linhas expressivas.





Painel 1: Vemos dois personagens: um homem careca com capa de super-herói e uma jovem mulher negra. O homem segura um celular e parece repreender a mulher. Acima deles, está escrito: "A GENTE TEM QUE PROTEGER AS CRIANÇAS NA INTERNET!", expressando a preocupação com a segurança infantil online.

Painel 2: A cena continua com os mesmos personagens, mas a jovem mulher agora parece mais preocupada e o homem gesticula. Acima deles, lê-se: "POR ISSO TEMOS QUE REGULAMENTAR AS REDES.", sugerindo que a regulamentação é a solução para proteger as crianças.

Painel 3: O homem da capa de super-herói agora está furioso, com a cabeça girando e gritando. Sua expressão é de raiva e exagero. A palavra "CENSURA!" aparece em letras grandes, indicando a consequência imprevista da regulamentação. A jovem mulher mostra uma expressão preocupada e descrente. A assinatura "Nando Motta BFC" aparece no canto inferior direito.

Em resumo, a tirinha ilustra a ironia de que medidas tomadas para proteger as crianças na internet podem levar à censura excessiva, transformando-se em algo negativo e contrário à intenção inicial. O tom é crítico e usa o humor para expor o problema."

Após leitura atenta da audiodescrição, gerada pela IA, identificamos algumas inadequações, tais como: explicação das imagens visuais ao invés de descrição; texto longo e ausência de algumas das diretrizes que podem ser elencadas do seguinte modo:

1. Interpretação subjetiva

A audiodescrição da IA transgrediu a diretriz "Descreva o que vê" ao informar que o homem "utiliza uma capa de super-herói e parece repreender a mulher", pois essa informação é pautada em uma percepção subjetiva que impede que os usuários construam as suas próprias interpretações. Além disso, foi feita uma inferência equivocada no painel 1 em relação à "capa" do personagem, que na verdade é uma bandeira do Brasil, o que fica visualmente compreensível no painel.

2. Ausência de sequência lógica

Apesar de a audiodescrição iniciar do geral para o específico, de cima para baixo e da esquerda para a direita, o texto gerado pela IA não apresenta uma sequência lógica ao descrever os personagens, causando uma confusão para os usuários ao construir uma imagem mental. Por exemplo, ela mistura as informações visuais ("capa" do homem e pele da mulher) com as informações textuais ("Acima deles, está escrito: "A GENTE TEM QUE PROTEGER AS





CRIANÇAS NA INTERNET!"). Há uma quebra de paralelismo semântico ao não audiodescrever a pele do homem ou as vestes da mulher. Além disso, no trecho exemplificado, não é informado que quem reproduz essa fala é o homem, o que compromete o entendimento da PCDV e a contiguidade semântica.

3. Informações óbvias e linguagem inadequada

Ao explicar, sugerir ou indicar algumas informações, o texto aponta para uma espécie de análise e não para uma audiodescrição que empodera a pessoa cega. Ao invés de audiodescrever os elementos visuais, o texto explica e interpreta cada frase produzida pelos personagens, o que não cumpre com o objetivo do recurso. Além disso, ao mencionar que a “charge é uma tirinha com três painéis” demonstra que não aplica uma linguagem adequada à obra e ao público, já que o gênero textual charge é composto por quadros e não por painéis.

4. Uso de verbos no gerúndio

Na audiodescrição, recomenda-se descrever com verbos no presente do indicativo, pois eles exprimem a ação do momento. Na audiodescrição produzida pela IA, os verbos “gritando, girando, indicando, expressando, sugerindo” foram empregados inadequadamente, pois verbos no gerúndio indicam uma ação contínua/em progresso ou para indicar simultaneidade entre duas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inacessibilidade comunicacional tem sido um grande entrave para a inclusão e o acolhimento das pessoas com deficiência visual, entretanto, uma das maneiras de mitigar essa problemática é fazer uso da audiodescrição enquanto tecnologia assistiva.

Neste trabalho qualitativo, fundado na polivalência da audiodescrição, postulada por Motta (2016), Snyder (2017) e Mianes (2016), buscou-se refletir sobre como as regras, princípios e fundamentos da audiodescrição devem ser utilizados na prática.

Os resultados demonstraram que, para alcançar uma audiodescrição empoderativa, fazem-se necessárias a elaboração e a revisão cuidadosas, com no



mínimo conhecimento básico das diretrizes, do texto audiodescritivo a partir da seleção de escolhas tradutórias que potencializam o entendimento dos usuários da AD.

Não podemos ignorar a insurgência da Inteligência Artificial, que pode ser uma ferramenta para auxiliar no processo da audiodescrição no campo socioeducacional. No entanto, enfatizamos a necessidade da audiodescrição seja realizada por uma equipe qualificada de audiodescritores para que esses profissionais não sejam desvalorizados ou substituídos por Inteligência Artificial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Diário Oficial da União, 2015.

LIMA, Francisco José. Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, n. 7, p. e2011020704-e2011020704, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 1986.

MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello. **A audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para a leitura de mundo. Campinas: Pontes, 2016.

MIANES, F. L. Audiodescrição como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem. **Anais do ANPED SUL**. Curitiba: Anped, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3Zu518r>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SEEMAN, Paulo Augusto Almeida; LIMA, Rosângela A. Ferreira; LIMA, Francisco José. Áudio-descrição no acordo ortográfico da Língua Portuguesa: um estudo morfológico. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 13, n. 13, 2012.

SNYDER, Joel. Construindo Imagens com Palavras. **Manual de Treinamento abrangente e Guia sobre a História e Aplicações da Áudio-Descrição**. Tradução de Andrea Garbelotti. Recife: Editora UFPE, 2017.

VIEIRA, P.; LIMA, F. J. A teoria na prática: áudio-descrição, uma inovação no material didático. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, vol.2, 2010.

